



Surfe em qualquer lugar: Brasil vive "boom" das piscinas de ondas, mas diversão ainda é para poucos

Com três prontas e três em obras, piscinas chamam atenção de surfistas profissionais e amadores, mas preço para usá-las pode passar dos R\$ 600 mil; ge testa equipamento que faz sucesso

Por Bruno Giufrida — São Paulo

21/05/2024 08h01 · Atualizado há 2 horas



O surfe como você conhece está mudando. O avanço de tecnologias e investimentos altíssimos têm criado novas oportunidades. Se antes as praias eram os únicos destinos para os surfistas - os profissionais e os de horas vagas -, hoje em dia não é bem assim. Nos últimos anos, as piscinas de ondas entraram em cena.



- + **Gabriel Medina testará prancha nova em Teahupoo, no Taiti**
- + **Quanto custa para surfar na piscina de ondas do Kelly Slater?**
- + **Siga o canal de esportes olímpicos do ge no WhatsApp!**



Praia da Gramma foi a primeira piscina de ondas do Brasil e fica no interior de São Paulo — Foto: Divulgação

Atualmente, são três piscinas de ondas em funcionamento no Brasil e mais dezenas pelo mundo. Além das que já estão prontas e em uso, outras três praias artificiais estão sendo construídas em São Paulo (duas) e em Curitiba (uma). Com ondas perfeitas, água sempre limpa e uma exclusividade impossível de se ter no mar, os clubes de surfe são o paraíso de qualquer surfista - mas ainda com acesso muito restrito.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE

**BB.FÃ É APOIADOR
do surfe brasileiro.**

saiba mais

O alto investimento, por enquanto, faz com que, no Brasil, a maioria das piscinas de ondas esteja em locais fechados ao público. A Boa Vista Village, em Porto Feliz, e a Praia da Grama, em Itupeva, as duas primeiras a ficarem prontas por aqui, são exclusivas para moradores de construções luxuosíssimas ou sócios donos de títulos caríssimos. A Surfland, a terceira em solo brasileiro, é acessível ao público, pelo menos por enquanto.

Já na Praia da Grama, também no interior de São Paulo, basta ser proprietário de algum imóvel no condomínio e uma taxa extra de utilização da piscina para aproveitar as ondas perfeitas - convidados de proprietários também podem surfar com o pagamento de um valor e agendamento.



Praia da Grama recebeu etapa da divisão de acesso ao mundial de surfe — Foto: Divulgação

Por que investir?

Sócio-fundador da KSM, incorporadora responsável pela construção da Praia da Grama e do projeto Beyond the Club, que está sendo construído às margens do Rio Pinheiros, Oscar Segall acredita que as piscinas de ondas já são mais bem aceitas do que há poucos anos, quando a primeira ainda não havia sido construída.

Surfista de horas vagas, Oscar Segall foi a mente pensante da primeira piscina de ondas do Brasil, a Praia da Grama, inaugurada há três anos.

– Quando voltei para o Brasil, eu abri uma gestora. Não ia fazer mais incorporação. Ia fazer gestão de fundos imobiliários. Eu queria que uma incorporadora fizesse (a Praia da Grama) e eu fizesse só a gestão. "Eu não faço, está maluco?", "está maluco!", "não...". Aí eu falei: já fiz e vou fazer. Voltei a ser incorporador. Mas foram muitos desafios para levantar funding, porque as pessoas não entendiam. Arrumamos dois investidores e compramos a Grama para fazer a expansão. Depois de entregue, tivemos a certeza de trazer para cá (para São Paulo).

– A diferença de aceitação foi brutal. Brutal. O maior investidor aqui (em São Paulo) é o BTG. Quando eu levei lá eles falaram: "está maluco? Que negócio é esse? Segunda moradia?". Falei com vários fundos. Agora, eu bati no BTG e eles falaram: "não quero mais nenhum investidor, só nós". Nem tive muito trabalho – disse Oscar Segall, ao **ge**, em meio às obras do gigantesco empreendimento na Marginal Pinheiros.



Oscar Segall nas obras do Beyond — Foto: Marcos Ribolli

A 115km da Praia da Gramma está o Boa Vista Village, onde fica o Boa Vista Village Surf Club, um clube de surfe para moradores do gigantesco complexo às margens da Rodovia Castelo Branco, que cruza o interior de São Paulo. Inaugurado em junho de 2023, o empreendimento da JHSF também é fechado ao público. Podem surfar lá apenas proprietários de imóveis no Complexo Boa Vista - Fazenda Boa Vista e Boa Vista Village - e poucos convidados.

Na visão dos empreendedores responsáveis pelas maiores piscinas de ondas do Brasil, ainda é impossível tornar a diversão mais acessível. No futuro, quem sabe.

– O primeiro Tesla era caro para cacete. Agora, já é muito mais acessível. O primeiro iPhone era caro para cacete. Novidade de tecnologia é cara, mas o potencial de crescer essa tecnologia é grande. É caro? Sim. Mas a probabilidade de baixar o preço é muito grande. No Brasil, que é um dos maiores mercados, se tiver muitas encomendas não precisa pagar nem o preço de importação. E tudo isso vai se ajeitando conforme a tecnologia vai crescendo em escala – explica Oscar.

– Começou caro mesmo. A Praia da Grama é super exclusiva, só para quem está lá dentro. O máximo que a gente pode dizer de democracia é que os convidados podem surfar, também, mas é um lugar especial, né? Aqui, já vamos democratizar um pouco mais. Vamos ser três mil famílias.



Obras de uma das futuras piscinas de ondas de São Paulo — Foto: Marcos Ribolli